

Universidade Federal do Amazonas
Programa de pós-graduação em Geografia Disciplina:
Epistemologia da Geografia

Fabiam Chota Gomes
fabiam.cgomes@gmail.com

Fenômeno das Terras Caídas: De um evento físico às consequências socioemocionais perante a vivência de ribeirinhos

O rio e sua poesia

Eu o observo da varanda de minha casa
Suas margens se fazem as mais lindas paisagens
Para o Homem caboclo lhe serve como estradas
Em seu leito sobrevive suas lendas, e suas verdades
Do folclore contado por nossos avós ele é intrigante
Ele é incrível
Nasce nos andes e termina no oceano.
Quem é ele?
Ele existe?
Sim existe, ele é o nosso rio "Amazonas"
Entre todos os outros é considerado o maior
Cheio de energia e vida
Se transforma e da forma a lugares especiais
Tão especiais que quando estou em sua presença volto a ser criança
Sinto e vejo tudo que fez parte de minha infância!

Por: Gomes, Fabiam Chota, 2019.

INTRODUÇÃO

Em uma introdução básica sobre o tema a ser trabalhado, além de denotar o fenômeno das Terras Caídas, este se propõe também em apontar de que forma o problema em questão vem se repercutindo perante os habitantes das margens dos rios Amazônicos.

Nesta linha de pensamento, na Amazônia é perceptível a existência de uma pluralidade de interações que nela ocorre, a região reúne vários campos de estudos e segmentos científicos a serem discutidos.

Para tal, o assunto que se contextualiza na determinada dissertação circunda-se entorno do fenômeno natural das Terras Caídas, onde o mesmo motivou a ampliar o debate sobre suas consequências, seja pela forma como vem modificando a paisagem às margens dos rios, ou pela mudança que ele provoca no cotidiano de ribeirinhos.

Pondo entendimento, (Terras Caídas) é uma terminologia regional adotada para os vários casos de deslizamentos, escorregamentos e desmoronamentos de terra que se deflagram por ação geralmente da dinâmica fluvial na região amazônica, onde estes ocorrem com mais intensidade as margens de rios de água branca, como o Solimões e alguns de seus afluentes (IGREJA, H. & FRANZINELLI, 2010, p. 135).

Figura 1: Fenômeno das terras caídas em Santo Antônio do Içá -AM.



Fonte: autor, 2016.

Com tamanho poder de transformação muitos rios no Estado do Amazonas tendem a manter suas dinâmicas em processos contínuos cabendo a nós povos ribeirinhos, nos adaptarmos as suas mudanças, pois ao fazermos de suas margens nosso habitat nós estaremos sujeitos ao poder da dinâmica fluvial contido neste sistema hidrográfico.

E em mesma linha de entendimento, geralmente este fenômeno coincide com as cheias dos rios, o qual as águas atingem partes das margens suscetíveis a erosão fluvial, assim dessa forma deflagrando processos erosivos tanto nas margens quanto nos terraços abandonados onde se localizam a maiorias das moradias, podendo se dar a entender este raciocínio pela figura que se segue.

Figura 2: Margem fluvial após processo erosivo na comunidade Presidente Vargas, em Santo Antônio do Içá-AM.



Fonte: Defesa civil de Santo Antônio do Içá, 2016.

Na região amazônica todo e qualquer fenômeno que venha a dificultar a vivência dos ribeirinhos no contexto de mudanças no modo de vida por intermédio de fenômenos fluviais é digno de estudo.

Como o assunto se relaciona a eventos que se deflagraram em bacia hidrográfica, Rodrigues e Silva (2018), ressaltam que:

Embora o estudo de bacias hidrográficas tenha sido geralmente realizado seguindo essencialmente as suas características hidroclimáticas, nos últimos anos, tende-se cada vez mais a um enfoque do tipo ambiental, no qual a bacia hidrográfica é considerada como o entorno em que se relaciona esse espaço físico, e estes são relacionados com os grupos sociais que vivem e usufruem seu espaço, Barrera Lobaton (2009 apud RODRIGUEZ & SILVA, 2018, pg. 69).

Como foi exposto anteriormente, o caráter investigativo não deve prender-se em apenas delimitações espaciais no contexto hidrográfico junto aos seus fenômenos naturais, e sim também às possíveis influências causadas ao modo de vida das pessoas.

Ao se pôr em posição teórica sobre o contexto das dinâmicas fluviais dentro de um rio, pode-se chegar à conclusão de que a influência de processos deposicionais quanto eventos erosivos afetam cidadãos ribeirinhos em escalas diferenciadas:

As deposições em escala econômica: por condicionar dificuldade nos processos logísticos de embarcações que fazem viagens no rio Solimões, causando gargalos relacionados à carga e descarga nas zonas portuárias em períodos de secas, ocorrendo estas problemáticas com o surgimento das parias que se encontram submersas, tornando as viagens mais dificultosas e com maior tempo de duração.

As erosões em escala social: por proporcionar danos materiais como perda de moradias, ruas, escolas e outrem nas margens fluviais em ambos os períodos sazonais, erosões cíclicas e acíclicas, levando em consideração locais habitados nas margens do rio Amazonas.

Seguindo o raciocínio sobre as erosões fluviais, a extensão dos trechos erodidos que se denominam Terras Caídas podem variar de dezenas de metros a quilômetros, provocando a modificação da paisagem e transtornos socioeconômicos como diminuição da propriedade, perda de plantações e até mesmo a mudança completa de residência.

As transformações nos leitos e margens são derivadas de processos contínuos que constituem evolução paisagística e morfológica dentro de um sistema hidrográfico, o qual o relevo fluvial é condicionado conforme pelo ciclo hidrossedimentológico, que envolve deslocamento, transporte e depósito de partículas sólidas pertencentes na bacia”, teoria equivalente ao trabalho realizado no canal fluvial (RABELLO 2010, p.16).

Em lógica sobre a deflagração destes eventos assim como outros que trazem todos os tipos de danos ao ser humano, sendo desconstruindo ou produzindo o espaço, é pertinente haver discussão sobre o aquecimento global e sua ligação com fenômenos que ocorrem de maneira mais catastrófica.

Há mais de um século, cientistas e especialistas tratam de pensar em como dirigir de maneira racional o processo de ocupação e assimilação da superfície terrestre. Isso deu lugar à noção de planejamento ambiental, associada a processo de gestão ambiental, como paradigma da aplicabilidade o conhecimento científico (RODRIGUEZ & SILVA, 2018, pg. 16).

No entanto essas aplicabilidades fogem ao caráter socioemocional que os fenômenos causam perante as pessoas que habitam não somente a Amazônia que teve influência direta para este trabalho, mas também outros lugares no planeta.

Se voltando ao tema, a assimilação destes lugares como no caso os povos da Amazônia, estes não tinham conhecimento da influência negativa que poderia vir por decorrer do desenvolvimento do mundo moderno junto movimento industrial e ao consumo de recursos naturais e emissão de gases, de maneira teórica pode-se dizer que hoje estes moradores de forma indireta são afetados.

Em sentido teórico-científico é possível pôr em entendimento que o Homem ao longo de sua existência na terra se introduz como um agente modificador da paisagem, fato este que pode explicar tantos acontecimentos no meio natural em processo contínuo, chuvas intensas, terremotos, cheias excepcionas e ente outros fenômenos.

O objeto de estudo na geografia socioambiental, construto contemporâneo da interação entre a natureza e sociedade, não pode ser concebido como derivador de uma realidade onde seus dois componentes sejam enfocados de maneira estanque e independente, pois que é a relação dialética entre eles que dá sustentação ao objeto (MENDONÇA, 2001. pg.140).

Podendo de maneira filosófica usar as palavras de Lefebvre, (2000) onde o mesmo ressalta que consequências vividas na segunda natureza (termo usado para o ambiente construído pelo Homem) é proveniente de ações das sociedades sobre a primeira natureza.

A produção do espaço (e do tempo) não os considerava como “objetos” e “coisas” insignificantes, saindo das mãos ou das máquinas, mas como os aspectos principais da segunda natureza, efeito da ação das sociedades sobre a “primeira natureza”; sobre os dados sensíveis, a matéria e as energias (LEFEBVRE, 2000. pg.5).

Em plena escala de tempo que estamos vivenciando existem previsões que não tem nada de ficção científica, pois vemos quase que todos os dias na TV coisas inacreditáveis deflagradas pela natureza.

Servindo como exemplo, recentemente temos que lembrar de um fato que de certa forma foi inédito, o terremoto que aconteceu no Peru em 2019, teve sua energia dissipada até locais que improváveis de sentir abalos tão fortes, atingido quase todo o Estado do Amazonas, que com certeza deixou resvalos erosivos em determinadas áreas potencias sobre falhas.

Outra vertente interpretativa dos fenômenos catastróficos atuais alerta para a iniciação de um novo período geológico: o Quinário (SUGUIO op. cit.), que implica as mudanças climáticas, explosão populacional de determinadas espécies, e, por consequência, extinção de outras, relacionadas ao rearranjo do sistema Global das Placas litosféricas, atmosféricas, e biosféricas, como, reflexo de mudanças geocinematicas no interior da terra (ápice do micropulso neotectônico atual) (IGREJA et al 2010. pg.149).

Se relacionando ao tema, a dinâmica fluvial como em um todo, é um agregado de agentes condicionadores que possibilitam mudanças em determinada área, e dando ênfase não somente danos materiais por consequência dos fenômenos físicos é interessante destacar as perdas afetivas que surgem a partir das erosões deflagradas.

A formação sociocultural dos povos da Amazônia tem notável influência dos rios, pois o meio de locomoção é feito quase que totalmente por eles, dessa forma suas moradias se localizam nas margens dos rios.

Se fazendo usar do pensamento filosófico que muitas vezes dá voz ao empírico e ao científico, Dardel (1899-1967. pg. 21), relata, dando sentido ao pensamento da formação sociocultural da Amazônia dizendo que: “por sua mobilidade, pelo seu salto soletrado da corrente ou pelos movimentos ritmados das vagas, as águas exercem sobre o homem uma atração que chega a fascinar”.

Como em qualquer outro lugar as grandes comunidades têm sua origem em decorrer do crescimento de pequenos povoados, nas margens do rio Amazonas são diversas e de todos os tamanhos as que se estabelecem nestes locais.

Muitas destas comunidades na maioria das vezes já têm muito tempo de existência, neste sentido o povo que ali vivi constrói um sentimento de amor (seu lar) pelo lugar onde mora, dando sentido literal ao pensamento que: “o espaço material não é, de forma alguma, uma “coisa” indiferente, fechado sobre ele mesmo, de que se dispõe ou que se pode descartar. É sempre uma matéria que acolhe ou ameaça à liberdade humana” (DARDEL, 1899-1967. pg.8).

Em contexto ao fenômeno que atormenta os moradores ribeiros na Amazônia, é denotado que as Terras Caídas ocorrem em determinados lugares em todo curso de um rio, e consequentemente causam danos materiais, no entanto estes podem ser substituídos, em relação a perda afetiva a questão muda, fato que em muitos estudos sobre, podem passar despercebidos.

Segundo (DARDEL, 1899-1967. pg. 11), “a linguagem geográfica vincula assim as surpresas, as privações, os sofrimentos ou as alegrias que se ligam as regiões”, dando sentido literal aos problemas enfrentados por estes moradores ribeirinhos.

Teoricamente o lado afetivo em relação a perda de seu lugar de vivência tem influência no bem-estar emocional de pessoas que perdem seu lar por conta da erosão fluvial.

Pode-se levar em conta que por muito tempo é guardado o sentimento amargo da perda afetiva, sentindo-se angustiado por ver a paisagem o seu redor sendo continuamente transformada, e assim ter que deixar o lugar onde vive, essas pessoas podem se sentirem tristes, onde mesmo mudando para outro lugar, o lugar de vivencia destruído não sai destas pessoas.

Sentimento este que na literatura atual sobre estudos da modificação do ambiente humanizado e seus danos psicológicos recebe a nomenclatura de *Solastalgia*, onde a mesma se conceitua “como conjunto de transtornos psicológicos ocasionados decorrente do sofrimento induzido pelo ambiente” (ALBRECHT, et al, 2007. pg. 95).

Seguindo o pensamento do autor citado, ao ocorrer o evento erosivo, o mesmo não leva embora apenas casas, escolas e a terra em si, mais também leva junto memórias de coisas que foram vividas neste determinado lugar.

O homem que transforma a paisagem ao seu modo, em uma situação desta se vê impotente perante a natureza, onde *as memórias* construídas ao decorrer do tempo vivido nestes locais serão o respaldo para se manter integro frente o sentimento de perda.

A natureza não respeita as leis humanas, muitas vezes o lugar é transformado à vontade da mesma, o Homem inserido no meio ambiente conhece a verdade e se torna um mero coadjuvante.

Geralmente com a perda destes lugares muitas famílias se alocam em outros lugares, principalmente mudam-se para as cidades, largando a zona rural onde viviam, contudo, o sentimento de perda afetiva costuma de certa maneira remoer o coração destes ribeirinhos.

Figura 3: Comunidade de Palmares, zona rural do município de Tabatinga-AM, parcialmente sendo engolida pela erosão fluvial.



Fonte: Defesa civil de Tabatinga, 2017.

Na imagem que é mostrada acima, é perceptível que a distância da margem para os “prédios” é pequena, por observação detalhada da paisagem será avistado que nesta situa-se uma igreja, uma escola e uma moradia típica dos ribeirinhos.

Levando em conta que os fenômenos das terras caídas são comuns no cotidiano destas pessoas, suas ações destruidoras se tornam fechos ativos de problemas futuros que estes podem enfrentar.

Na forma de abordar estes processos, ao decorrer de perdas afetivas o ser humano terá muitas lembranças, lembranças do tempo de criança, da adolescência, em um todo de todas fases da sua vida que ali foi concebida.

Estas fases de suas vidas se passaram em determinados lugares, principalmente as margens dos rios amazônicos, vidas estas circundadas de muita beleza, belas paisagens, momentos felizes, belas praias, barrancas onde situava-se as casas de seus avós, os lagos onde eram realizadas suas pescarias.

Lugares a beira rio onde se juntavam toda família para se descontraírem, e entre outras coisas vividas, que por motivo de força da natureza foi lhes tirado estes lugares, deixando-lhes apenas lembranças. “Talvez seja frente ao espaço das águas que se mostra melhor a insuficiência de um saber que, instrumentado pela razão, reifica complacentemente os fenômenos” (DARDEL, 1899-1967. Pg. 23).

Dando um parecer geral sobre o assunto tratado neste trabalho, aqui foi buscado uma breve articulação teórica entorno de um fenômeno físico ocorrente na região amazônica conhecido como Terras Caídas, e que dentro do contexto dissertativo do trabalho foi de intenção pertinente que o fenômeno físico como tal, fosse humanizado mostrando as angustias vividas por conta da deflagração das erosões nas margens dos rios.

Como caboclo que sou, o autor que voz fala tem um enorme amor pelo lugar de vivência, fui criado literalmente no berço natural em um sitio na zona rural do município de Santo Antônio o Iça-Am, brinquei nas margens do rio, pesquei em lagos, fiz colheita junto a meus avós, andei em praias, observei lindas barrancas que me fascinavam, porém tudo mudou!

Hoje em dia aproximadamente 25 anos depois, estes lugares onde cresci não existem mais, tudo foi transformado por fenômenos físicos relacionados ao escoamento dos rios. Por paixão que tenho pela natureza, principalmente a natureza aquática, cheguei a buscar respostas para as transformações contidas no sistema hidrográfico, através da Geografia conheci a geomorfologia fluvial a qual me deu conhecimento necessário sobre o assunto.

Por motivos ligados a paixão por rios e suas dinâmicas, é Seguida a ideia de realizar estudos sobre erosões fluviais, e nesta linha de raciocínio e denotado que a ideia de tentar humanizar um fenômeno físico como as Terras Caídas simplesmente não surgiu de uma hora para outra, ela faz parte de meus anseios pessoais desde os tempos de criança.

E por consequência da vivência que tive neste meio natural e junto a articulação teórica, foi buscado uma breve denotação destes problemas emocionais relacionados à Solastalgia vivenciada por moradores ribeirinhos.

Relatando um pouco da saudade de minha infância, ao denotar estes problemas que não somente são de muitos que habitam as margens dos rios, mas também que foi presenciado por quem lhes disserta neste.

E por fim, assim sendo, no proposto trabalho foi romantizado o fenômeno físico com intuito de ver os processos de mudança da paisagem de uma outra ótica, de uma percepção humanista, dando sentido ao lado socioemocional entorno das Terras caídas.

Referências

- ALBRECHT, Glenn, SARTORE, Gina-Maree, CONNOR, Linda, HIGGINBOTHAM, Nick, FREEMAN, Sonia, KELLY, Brian, STAIN, Anne, POLLARD, Georgia. Solastalgia: a angustia causadas pelas mudanças ambientais, Australasian Psychitry, 2007.
- DARDEL, Eric. O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica, 1899-1967, tradução/ Werther Holzer-São Paulo: perspectiva, 2011.
- IGREJA, Hailton Luiz Siqueira da, CARVALHO, José Alberto Lima de, FRANZINELLI, Elena. Aspectos das Terras Caídas na Região Amazônica. In: RABELLO, Adoréa. (org.) Contribuições Teórico-metodológicas da Geografia Física. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.
- LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006
- MENDONÇA, Francisco. Geografia socioambiental, Terra livre- São Paulo, n.16. pg. 139-158, 2001.
- RABELLO, Adoréa. Erosão no Contexto das Bacias Hidrográficas. In: RABELLO, Adoréa. (Org.) Contribuições Teórico-metodológicas da Geografia Física. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010. Cap. 1, p. 9-39.
- RODRIGUEZ, José Manoel, SILVA, Edson Vicente. Planejamento Ambiental e Gestão Ambiental: Subsídios da Geoecologia das Paisagens e da Teoria Geossistêmica. Fortaleza: Edições UFC, 2018.